

Por uma ética analítica da renovação

A psicanálise não é uma disciplina superficial reservada a uma elite rica. Produzido e renovado graças aos elementos do nosso tempo, enriquece-se e refresca-se, renunciando à mumificação dos seus conceitos. Sua ética exige a renúncia ao discurso do mestre e a impostura do saber absoluto, pois o discurso do mestre é o reverso direto do discurso analítico. Trabalhamos com a telescopagem de velhos traumas diante dos quais o desejo retrocedeu, o que nos dá a oportunidade de reconhecer e diferenciar traumas objetivos de traumas subjetivos e reconhecer nos sujeitos as agressões sofridas e reprimidas diante do medo da feminização que caracteriza os tiranos. . Não é tarefa da psicanálise restituir valor à vida?

Gorana Bulat-Manenti

Hoje, se a psicanálise continua a propagar os efeitos da verdade e isso apesar dos ataques e das críticas impensadas, é graças ao seu acesso ao inconsciente e à imperecível descoberta freudiana da causalidade recalcada dos sintomas a serem tratados. O seu lugar está assegurado graças à obra de Freud e mais recentemente de Lacan e Dolto, alguns outros grandes pioneiros como Gérard Pommier, um dos fundadores da FEP. E se Freud não hesitou em recorrer à interpretação, Lacan também não se calou diante da angústia de seus pacientes. Lacan insistiu com sua clínica e seus aportes teóricos em opor firmemente o discurso analítico ao discurso do Mestre cuja proximidade com a figura de "Urvatter" conduz inevitavelmente à impostura, "ao canalha", dizia. Essa elaboração da dinâmica dos Quatro discursos onde notamos que o discurso do Mestre é o mais distante do discurso analítico, significa o ponto central da ética da psicanálise, um dos momentos mais fortes e luminosos dos avanços lacanianos. No entanto, a infeliz tendência de querer encarnar "o grande Outro" detentor do conhecimento absoluto e de considerar os analisandos como menores ignorantes, persiste e sinaliza, ainda com muita frequência. Essa mania de infantilizar, de tratar com condescendência e com biquinhos de desdém aqueles que vêm nos ver em momentos de grande aflição não era o caso de Lacan ou Dolto e muito menos de Freud. Mas essa postura tão cara ao patriarcado, insistente em uma identificação abusiva com o pai morto/vivo, conseguiu se firmar em quase toda parte, principalmente após o desaparecimento de Lacan. Essa falta de ética que consiste em não

considerar seus analisandos simplesmente como "pares" aos quais basta indicar os momentos de abertura de seu inconsciente longe dos "Pais" todo-poderosos, chamados a liderar multidões associativas, prejudica a psicanálise como tanto quanto seus inimigos declarados. Os avanços sociais, o lugar mais justo dado às mulheres e as palavras que se libertam como nunca antes em torno do sofrimento infligido aos mais vulneráveis - os idosos (escândalo Orpea em França) ou os maus-tratos a crianças (recente escândalo na creche), perguntem-nos permanecer vigilantes e esclarecer os contornos muitas vezes vagos de nossa ética. Os conceitos freudianos de fantasia, trauma, sexualidade feminina, o lugar do pai precisam ser atualizados e recolocados em seu contexto contemporâneo. Pois o papel da psicanálise (através de seu acesso ao material incestuoso reprimido) é preceder e acompanhar os ganhos de liberdades francamente adquiridas. Assistimos, por vezes, a tentativas de fazer recuar o tempo, nomeadamente na questão do incesto - sabidamente rapidamente afastado, afogado, esquecido, apesar das palavras das vítimas, cada vez mais presentes. Por que as verdades civilizadoras são tão rapidamente escondidas no silêncio? Assim, um fórum no jornal Le Monde (04/09/23) observa que, de acordo com uma pesquisa da Ipsos, 73% das denúncias de abuso sexual de crianças permanecem sem resposta. A psicanálise atualizada pode e deve contribuir para explorar as palavras dos mais fracos, das vítimas.

O inconsciente tem um vínculo com o político. Seus efeitos imprevisíveis, partindo da esfera íntima de cada cidadão, reverberam no domínio público sem serem percebidos diretamente, "a olho nu", e o papel da psicanálise é descobrir as fontes disso graças às suas experiências clínicas e teóricas.

Trabalhar com os sintomas dolorosos de nossos pacientes (mas, acima de tudo e em primeiro lugar, com os nossos próprios) nos permite medir a implicação em nossa vida pessoal e social do que foi retirado da consciência de nossos pensamentos e atos e tirar algumas conclusões sobre a natureza da estreita trança entre o inconsciente, por um lado, e o político, por outro, entre o sintoma individual e o sintoma coletivo. O laço social também é uma formação do inconsciente, é inconscientemente apoiado pelo impulso reprimido, imerso na linguagem que o transmite e que é compartilhado com os outros.

A vida em grupo se presta à pulsão de impulso, que é propícia para confirmar a crença na possibilidade de alcançar um domínio, um prazer total e absoluto. Esse gozo altamente incestuoso pode ser esperado graças à fantasia do assassinato do pai (Édipo), uma fantasia individual que

pode ser generalizada e que pode ser representada coletivamente, como Gérard Pommier, um dos fundadores da FEP, corretamente apontou em seu livro "Libido illimited". Como matar o pai simbolicamente, como diferenciar entre o pai real que sempre esteve morto, um pai mítico, inexistente, apenas imaginável em uma masculinidade feita de força, de rejeição do feminino e apoiar o pai que aceita seu lugar relativo na sucessão de gerações, esse pai que gosta de transmitir, que reconhece seus pontos fortes, mas também suas fraquezas e sua vulnerabilidade psíquica?

O ato do analista é colocado de modo que o passado seja redescoberto para permitir um futuro, para que a história, a "pequena história" do sujeito encontre a grande história de seu tempo. O não conhecimento, o "eu não quero saber nada sobre isso" (às vezes herdado da geração anterior), pode, no tratamento analítico, por meio do "eu posso falar", chegar a um "eu posso saber". Sim, "é permitido saber a qual deus obscuro e incestuoso é comum fazer um objeto de sacrifício, sacrifício do próprio desejo diante dos imperativos duvidosos das exigências de um "eu" ganancioso e, acima de tudo, sacrificar a ele a vida do outro, do vizinho, que é sempre diferente demais e colocado no lugar do bode expiatório, daquele que deve desaparecer.

"Não temos escolha a não ser encarar a verdade ou ridicularizar nosso conhecimento", escreve Lacan na "Proposição sobre o psicanalista da escola", de 9 de outubro de 1967. Não nos esqueçamos de que o trabalho analítico é um trabalho de transmissão, e cuja ética diz respeito ao complexo de castração, "não ceder ao desejo", apesar do "horror" que o analista possa sentir por seu ato. A psicanálise não é uma visão do mundo. Graças a seus conceitos, ela permite relacionar e compreender a articulação do que causa e comanda nosso pensamento sem nosso conhecimento. A ética da cura requer um ato político, pois nos permite desfazer identificações alienantes, incestuosas e sujeitas ao poder abusivo.

Na teoria lacaniana, uma identificação pode ser chamada de imaginária sempre que responde inconscientemente ao desejo de um Outro visto como uma totalidade sem falhas, "o grande A não barrado".

O Mestre é simplesmente um lugar no discurso e, fora dessa função, a impostura começa muito rapidamente. O traço unário é unívoco, não é um significante. É antes um signo por seu caráter estrutural em sua referência original ao Outro. Ele diz respeito ao olhar do Outro, ao consentimento do Outro, à escolha do amor. Enquanto o ideal do eu está do lado da introjeção

simbólica, o eu ideal está do lado da projeção imaginária. O traço unário é monossemântico, nos indica Lacan. O eu ideal emerge do narcisismo. Lacan diz, com muito humor, que é muito mais fácil ser amado pelo ideal do ego do que pelo original. Ele não faz alusão à duplicidade paterna, ao pai vivo e ao pai morto, uma contradição insolúvel para o pensamento consciente?

O lugar do ideal do eu é, na teoria freudiana, ocupado pelo tirano, pelo líder: "O grupo, quando se une em torno de um ideal, experimenta um júbilo semelhante ao do bebê entre seis e dezoito meses. Na multidão, o semelhante serve para compensar a falta de prazer. Os traços de identificação servem para ancorar a fixidez da fantasia. Não há inconsciente coletivo, mas a fantasia pode ser coletivizada... O inconsciente não é coletivo, ele é definido pela ausência do sujeito em um conhecimento que lhe escapa. O que a linguagem coletiva produz do inconsciente diz respeito aos sujeitos um a um. As formações do inconsciente, o sonho, o deslize da língua, o ato falho são apenas os efeitos de uma falha de gozo. Esse também é o caso do laço social, que é acima de tudo um sintoma - o mal-estar na civilização", escreve Gérard Pommier em *Libido illimited*.